



TÍTULO: A IMPORTÂNCIA DO MANEJO DE BACURIZEIROS NATIVO (*Platonia insignis* MART.) POR PEQUENOS PRODUTORES NAS MESORREGIÕES DO NORDESTE PARAENSE E DO MARAJÓ, PARÁ

Antônio José Elias Amorim de Menezes; Eng. Agrônomo, Doutor em Sistema de Produção, Analista da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: antonio.menezes@embrapa.br, Belém, PA; **Alfredo Kingo Oyama Homma;** Eng. Agrônomo, Doutor em Economia Rural, Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: alfredo.homma@embrapa.br, Belém, PA.; **Grimoaldo Bandeira de Matos,** Grimoaldo Bandeira de Matos – Sociólogo, Técnico da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: grimoaldo.matos@embrapa.br, Belém, PA.

GRUPO 2: AGRICULTURA FAMILIAR E/OU ESTRUTURA AGRÁRIA NA REGIÃO NORTE

RESUMO:

O alto preço alcançado pela polpa de bacuri no Estado do Pará demonstra o interesse do mercado por essa fruta, totalmente dependente de árvores que escaparam das derrubadas nestes últimos quatro séculos, bem como das áreas manejadas com ocorrência desta espécie realizado por produtores nos últimos 40 anos. Este trabalho trata do levantamento realizado em comunidades rurais durante o período de fevereiro 2006 a janeiro de 2016, com o objetivo de verificar a importância do manejo de bacurizeiro nativo, verificando sua adoção pelos produtores nas regiões do Nordeste Paraense e do Marajó, Estado do Pará. Espera-se que este trabalho possa contribuir para o crescimento das áreas manejadas e de plantio de bacurizeiros no Estado do Pará e em outros estados, bem como subsidiar o manejo e a manutenção desse valioso patrimônio genético.

Palavras chave: Produtores Rurais, Técnica de Manejo, Bacurizeiro Nativo

1. INTRODUÇÃO

O crescimento da demanda do fruto de bacuri, que constitui na polpa mais cara na Região Metropolitana de Belém é uma oportunidade de incentivar o manejo de rebrotamento de bacurizeiros nativo, promovendo a transformação de capoeiras degradadas em bacurizeiros produtivos, ou incentivando novos plantios, com a recuperação dos ecossistemas destruídos e geração de renda e emprego.

Os frutos dessa árvore sempre foram considerados pelas populações que habitam os locais de ocorrência natural da espécie como dos melhores da Floresta Amazônica. Ademais, possui uma vantagem em relação à maioria das frutas nativas da Amazônia, uma vez que pode ser consumido ao natural.

O bacuri é uma das frutas mais populares da região amazônica. Essa fruta, pouco maior que uma laranja, contém polpa agridoce, rica em potássio, fósforo e cálcio, sendo consumida diretamente ou utilizada na produção de doces, cremes, sorvetes, sucos, geleias, licores e outras iguarias. Sua casca também é aproveitada na culinária regional e o óleo extraído de suas sementes é usado como anti-inflamatório e cicatrizante na medicina popular e na



indústria de cosméticos. O bacurizeiro pode atingir mais de 30 m de altura, com o tronco de até 2 m de diâmetro nos indivíduos mais desenvolvido. Sua madeira é considerada nobre e de boa qualidade, também tem variadas aplicações na sua utilização.

O bacurizeiro é uma das poucas espécies arbóreas amazônicas de grande porte que apresenta reprodução sexuada (sementes) e assexuada (brotações oriundas de raízes). Dessa forma, nas antigas áreas de ocorrência natural de bacurizeiros verifica-se o rebrotamento, no qual, mediante o manejo, arranjando as plantas ao espaçamento apropriado, permitiria a formação de um plantio homogêneo, criando nova alternativa para as áreas degradadas nos estados do Pará, do Maranhão e do Piauí. A densidade de bacurizeiros em algumas áreas em início de regeneração chega a alcançar 40 mil plantas/hectare (CARVALHO, 2007). Porém vale ressaltar que o manejo do bacurizeiro reflete a força do mercado na demanda pelo fruto tornando importantes as ações em treinamento. Identifica que os pequenos produtores não são avessos a inovações desde que seja traduzido em mercado, preços favoráveis e lucro.

Entende-se assim que muitos dos indivíduos de bacurizeiros que ocorrem atualmente nas áreas de vegetação secundária na mesorregião do Nordeste Paraense constituem em rebrotamento natural, muitas vezes por via assexuada, das matrizes existentes no ambiente florestal (HOMMA et al., 2007).

Este trabalho teve como objetivo principal de verificar a importância do manejo de bacurizeiro nativo, verificando sua adoção pelos produtores rurais envolvidos nas mesorregiões do Nordeste Paraense e ilha do Marajó, Pará. Com isto espera-se subsidiar o manejo sustentável e a manutenção desse valioso patrimônio genético.

2. METODOLOGIA

A localização dos produtores (ou das propriedades) que estão adotando o manejo do bacurizeiro nativo nas mesorregiões do Nordeste Paraense e ilha de Marajó foi realizado a partir de contatos com técnicos dos Escritórios Locais da Emater, Prefeituras Municipais, Secretarias Municipais de Agricultura, Sindicatos de Produtores Rurais, Comerciantes, ICMBio, entre os principais.

Após a definição dos produtores foram realizadas visitas nas propriedades que estão realizando o manejo dos bacurizeiros nativos e verificado o interesse pela técnica de manejo, foram estimulados a procurar o Escritório Local da Emater, as Secretarias Municipais de Agricultura, os Sindicatos de Produtores ou outras instituições, para a organização de curso de manejo nativo de bacurizeiro. Durante o período de fevereiro de 2006 a março de 2016 em parceria com as instituições já citadas, foram realizados 38 cursos de treinamento sobre manejo do rebrotamento de bacurizeiro em 20 diferentes municípios das mesorregiões estudadas, totalizando 1.308 produtores e técnicos treinados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A técnica do manejo proposto anteriormente consiste em selecionar as brotações mais vigorosas que nascem espontaneamente nos roçados, após a colheita das roças, principalmente de mandioca, procurando deixar no espaçamento de 10m x 10m, podendo implantar culturas anuais nas entrelinhas durante os primeiros anos, para reduzir os custos de implantação, além da semeadura de plantas perenes, formando no futuro sistemas agroflorestais. Segundo Menezes et al. (2010; 2012), esse sistema é desenvolvido de duas maneiras: o manejo radical, em que se retiram todas as outras espécies, deixando somente as



plantas de bacurizeiro; e o manejo moderado, no qual se deixam outras espécies vegetais de valor econômico, além do bacurizeiro.

Para iniciar as intervenções de manejo de bacurizeiros nativos em florestas secundárias, deve-se levar em consideração algumas fases fundamentais. Após a seleção da área de ocorrência, a primeira etapa consiste em evitar selecionar indivíduos oriundos somente de uma única matriz de bacurizeiro (planta-mãe), pois futuramente ocorreria somente a floração sem a produção de frutos das mesmas, uma vez que no bacurizeiro, para que haja a formação de fruto, precisa haver polinização cruzada, isto é, as flores de uma planta devem receber pólen de flores de outra planta. Para realizar a operação de escolha e demarcação da área a ser manejada é necessário um dia de trabalho. Em seguida, inicia-se a eliminação de cipós e desbastes de algumas espécies que estejam competindo com as plantas de bacurizeiro, para facilitar a entrada de luz e a liberação dos bacurizeiros. Após essa intervenção a área selecionada deve ser acompanhada e supervisionada apenas semestralmente, visando eliminar o surgimento de novos rebrotos, principalmente de bacurizeiro, que é uma espécie bastante agressiva. Vale ainda salientar que o desbaste inicial dos indivíduos de bacurizeiros deve considerar que dentre os indivíduos selecionados haja a maior diversidade possível de matrizes produtivas. Para isto, é desejável levar em consideração visivelmente plantas com diferentes tipos de folhas ou flores, advindas daí a preferência que tal procedimento seja realizado durante a fase de floração. Adicionalmente, deve-se procurar selecionar aqueles indivíduos com fuste bastante longo e com copa bem distribuída.

A segunda fase de manejo procura efetuar a eliminação gradual por corte direto de algumas árvores cujas copas estejam competindo com o bacurizeiro selecionado. Durante esse procedimento deve-se ter o cuidado para que a eliminação das árvores indesejadas não venha provocar danos severos ou tombamento de qualquer planta selecionada, o que é muito comum no manejo dos bacurizeiros. Nesta fase, procura-se deixar os bacurizeiros próximos de um espaçamento de 2m x 2m, evoluir para 3m x 3m, 5m x 5m e 8m x 8m, até chegar a 10m x 10m. As árvores que forem retiradas da área manejada devem ser aproveitadas pelos agricultores na construção de casas rurais e de cercas, bem como lenha ou na fabricação de carvão, etc. Para realizar essa fase são necessárias 6 diárias para implantação da área manejada e 3 diárias para manutenção a cada seis meses.

Na terceira e última fase promove-se a implantação de sistemas de cultivo com culturas anuais, conforme as necessidades dos agricultores. Na mesorregião do Nordeste Paraense observou-se que as culturas da mandioca, feijão e milho tiveram destaque no contexto desses sistemas. Para manter o manejo do bacurizeiro em conjunto com as culturas anuais, o agricultor deve disponibilizar as mesmas quantidades de diárias que no sistema da roça tradicional. Outra estratégia muito utilizada consiste em aproveitar nas entrelinhas com cultivos de espécies frutíferas que suportam a seca e solos pobres, como muricizeiro, mangabeira, cajueiro, etc., características essas dominantes nas áreas de ocorrência de rebrotamento de bacurizeiros. Nas áreas manejadas é também necessário, evitar que as queimadas efetuadas em terrenos próximos cheguem aos bacurizeiros.

Tendo sido preconizada por diversos produtores que fazem o manejo de bacurizeiros, o terceiro sistema, corresponde a adoção da chamada poda apical, com o intuito de dar maior dimensão para a copa e reduzir a altura das árvores. Neste sistema é efetuada a poda do caule principal na altura de 1,5 m a 2 m com terçado ou tesoura de poda, onde tal injúria provoca o rebrotamento lateral, tendendo a árvore a ficar com maior número de ramos e sem a formação de fuste. Deve-se ter o cuidado de eliminar a gema apical para evitar que a planta volte a crescer na vertical. Vale salientar que com uso desse procedimento não será mais possível



efetuar o aproveitamento dos bacurizeiros para extração de madeira, privilegiando, entretanto, o aumento na quantidade de frutos nas plantas podadas.

O plantio de bacurizeiros de pé-franco e enxertado começam a ser adotada por diversos produtores fora da área de ocorrência natural de bacurizeiros nos municípios de Acará, Aurora do Pará, Goianésia Altamira e Tomé Açu (PA), tanto em monocultivo, quanto em sistemas agroflorestais. A enxertia passa a ser adotado em plantios comerciais, conseguindo com isso abreviar o tempo de frutificação e introduzir material genético melhorado, com maior rendimento de polpa por fruto.

4. CONCLUSÕES

Considerando que não há necessidade do agricultor preparar mudas e, nem realizar o plantio a partir do aproveitamento dos rebrotos, tal tecnologia, torna-se assim de baixo custo, podendo ser utilizada com a mão-de-obra existente na propriedade. O aumento crescente no preço da polpa de bacuri nos principais centros urbanos da região tem estimulado os pequenos produtores a realização do manejo das plantas de bacurizeiro na propriedade, bem como no plantio de novos indivíduos.

Verificou-se que as localizações dos produtores que realizam o manejo de bacurizeiros nativo na região de estudo estão concentradas, no litoral atlântico. Ainda assim, foram também observados registros, em áreas do baixo rio Pará e do baixo rio Tocantins.

Em linhas gerais, os registros atuais de manejo de bacurizeiros nas microrregiões estudadas revelam a importância da técnica do manejo de bacurizeiros nativos em função dos cursos realizados em parceria com as instituições envolvida no processo. Observa-se que alguns produtores já estão adotando plantios e com técnicas de enxertia, mesmo em áreas fora de ocorrência de bacurizeiros.

5. REFERENCIAS

CARVALHO, J.E.U. Aspectos botânicos, origem e distribuição geográfica do bacurizeiro. In: LIMA, M. da C. (org.) **Bacuri**: agrobiodiversidade. São Luís: Eduema, 2007, p.25-42.

HOMMA, A.K.O.; [CARVALHO, J.E.U.](#); [MATOS, G.B.](#); [MENEZES, A.J.E.A.](#) Manejando a planta e o homem: os bacurizeiros do Nordeste Paraense e da Ilha de Marajó. **Amazônia: Ciência e desenvolvimento**, v. 2, p. 119-135, 2007.

MENEZES, A.J.E.A.; HOMMA, A.K.O. SCHÖFFEL, E.R. **Do extrativismo à domesticação**: o caso do bacurizeiro no Nordeste Paraense e na Ilha de Marajó. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2012. 66p. (Documentos. Embrapa Amazônia Oriental, 379

MENEZES, A.J.E.A.; SCHÖFFEL, E.R.; HOMMA, A.K.O. Caracterização de sistemas de manejo de bacurizeiro (*Platonia insignis* Mart.) nas Mesorregiões do Nordeste Paraense e do Marajó, Estado do Pará. **Amazônia: Ci. & Desenv.**, Belém, v. 6, n. 11, p. 49-62. jul./dez. 2010.